

POLÍTICA, IDEOLOGIA E PODER NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA SEGUNDO PAULO FREIRE

Hélcia Macedo de Carvalho Diniz e Silva¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo geral apresentar as questões da educação contemporânea em relação aos temas política, ideologia e poder. De início, a base teórica de Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) fundamenta parte do ponto de vista da educação para a sociedade brasileira desde o século XX até os dias atuais. Para tanto, desenvolve-se o assunto com os seguintes objetivos específicos: conceituar os termos política, ideologia e poder; apresentar o pensamento freiriano para a educação brasileira; e, discorrer sobre as questões da educação. Desse modo, justifica-se a presente investigação filosófica a partir de materiais bibliográficos, *websites* e artigos científicos. A presente discussão toma como base o quadro teórico-metodológico da Filosofia Bakhtiniana da Linguagem (Silva, 2017) no tocante à análise do discurso de Freire (1987, 1997, 2001), aplicado o método de extração das heterogeneidades: marcada, mostrada e não mostrada, e constitutiva do discurso freiriano sobre a política na educação e o conceito de ideologia, que são perpassados pelo conceito de poder, expressamente na necessidade de repensar o sistema educacional contemporâneo. A direção metodológica concentra-se na abordagem a natureza qualitativa e método dedutivo em razão do exame da linguagem. Como resultados esperados, demonstram-se as relações entre política, ideologia e poder no tocante à educação atual. Sendo assim, a pergunta que se estabelece é a seguinte: como delimitar pressupostos da educação brasileira no tocante à política, ideologia e poder na sociedade contemporânea?

PALAVRAS-CHAVE: Política. Ideologia. Poder. Educação contemporânea. Filosofia da Educação.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa disserta-se sobre questões contemporâneas acerca da educação e sua relação como política, ideologia e poder. Tem-se por objetivo geral analisar as questões de educação e política, ideologia e poder. Esses temas, demasiados amplos, serão trabalhados de modo intercambiável, tendo em vista o quão imbricados estão no fazer atual da educação brasileira.

Com efeito, as duas décadas que fecharam o século XX foram de mudança para a política, a educação, a ideologia e o poder que perpassa esta discussão acompanhada das transformações tecnológicas que se iniciaram com a denominada *era da informação*. Desde

¹ Professora Doutora Titular: Graduação e Programa de Pós-Graduação em Direito - Centro Universitário de João Pessoa. Doutora em Educação (PPGE-UFPB/2019). Doutora em Filosofia (PUC-Rio/2016). Doutora em Linguística (PROLING/2015). E-mail: helciamacedo@gmail.com.

então, a globalização relativizou o conceito de distância haja vista a possibilidade de conectar-se às pessoas em tempos e lugares diversos, por meio do uso de computador conectado à Internet.

Com efeito, o planeta tronou-se o espaço para se aprender e o ciberespaço é um lugar que significa informação presente e renovação constante, rompendo com a ideia de tempo e espaço para o ensino-aprendizagem. As mudanças advindas dessa virada tecnológica ocorreram muito depois do Freire (1987), que até 1962 desenvolvia um método própria para alfabetiza jovens e adultos no Brasil.

Pesquisar sobre o pensamento freiriano é *condition sine qua non* para compreender a educação no Brasil e avançar nos quesitos do aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser (Delors, 1998) como perspectivas para a educação contemporânea, que neste contexto são otimistas. Isto posto, a pergunta problema que se estabelece é a seguinte: como delimitar pressupostos da educação brasileira no tocante à política, ideologia e poder na sociedade contemporânea?

Trata-se de uma revisão de literatura cuja metodologia aplicada tem por base o quadro teórico-metodológico de Bakhtin (1981) no tocante ao estudo da linguagem por meio da extração dos trechos de textos heterogêneos, que mostram o pensamento de forma marcado, não marcado e constitutivo à luz da linguista francesa “Authier-Revuz e o quadro teórico-metodológico denominado de Formas Linguísticas. [...] da heterogeneidade mostrada: marcada”, a qual se revela neste artigo nas citações diretas dos autores que fundamentam a pesquisa. De modo amplo, os destaques citados no corpo do texto são justamente as heterogeneidades que evidenciam o posicionamento dos autores pesquisados, assim como as bases de dados digitais e físicas que compõem as referências.

No primeiro momento aborda-se sobre **Educação e política no Brasil**, uma seção que apresenta parte do contexto político-educacional brasileiro. Especificamente, recortando a realidade do século XX, época que se investiu na retirada do enfoque educacional do indivíduo, percebendo que o processo dialético de ensino-aprendizagem tem um caráter social.

A ideologia na educação consiste na seção que trabalha a sociabilidade do processo educacional, que não é neutro. Como tal, mostra a consciência social daquele que ao aprender, ensina e ao ensinar, aprende. Nessa dialética, compreende o seu poder de questionar o que está posto e agir para transformar a realidade da qual faz parte.

Nessa esteira, desenvolve-se a seção **Poder e Educação**. Um debate que aponta para as formas de poder que cada sujeito pode exercer quando de sua atuação consciente e eficaz. Não obstante, poder-se-ia abordar esse tema por diversas outras vias que aqui não foram

contempladas. O fato é que a base freiriana aponta para a pedagogia da esperança como um ato singular e, em se tratando de educação como um todo, não apenas no eixo da educação popular, considerou-se mais prudente aprofundar com a perspectiva de educação desenvolvida por Delors (1998) que, *em passent*, encontrou um terreno fértil na educação brasileira quando propôs o protagonismo do estudante e a mediação do educador.

2 EDUCAÇÃO E POLÍTICA NO BRASIL

Esta seção apresenta parte do que se entende por política e educação no contexto contemporâneo brasileiro. No sentido lato o termo política significa a arte ou ciência de governar, ou, ainda, dirigir e administrar. Faz-se *mister* revisitar alguns pontos sobre a educação com o foco no desenvolvimento do indivíduo, ambas presentes, de certa forma, na educação do século XX, que buscava deslocar o enfoque do individual para o social e político e perdura até os dias atuais que tem o foco no aluno e sua capacidade de autonomia e ressignificação dos conceitos para transformar a realidade e fazê-la mais justa e digna para todos.

Do século XX ficou a lição de que para educar não é necessário fazer uma delimitação de idade, a perspectiva política da educação não é neutra e, por isso, a aprendizagem centrada no diálogo e na realidade da pessoa permite que a qualquer tempo se possa aprender conforme Freire (1987). Este pensador brasileiro se dedicou no estudo do *Sentido do outro, na conscientização* e na prática como processo de aprendizagem. Estas são categorias fundamentais para uma educação transformadora, que explica a consciência viva de um pouco ou das normas por ele estabelecidas. É um processo que se desdobra conforme a realidade social e tem por finalidade a emancipação do sujeito como ser histórico, capaz de entender as relações estabelecidas nos acordos sociais, concordar, reformular, discordar e propor meio de superação de seu desenvolvimento ao longo do amadurecimento constituído legitimamente. Para tanto, Freire (2005, p. 90) enfatiza que a “[...] existência humana, não pode ser muda, silenciosa, [...]. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. [...]. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Usar o discurso para o processo de ensino-aprendizagem cujas partes não podem ser separadas, consiste em participar do exercício de voz, ou seja, de ingerir em determinados contextos bem definidos. O educador e a educadora, afirma Freire (2005), encontra-se em relação direta e necessária com a prática educativo-progressista, desde que conscientes e coerentes com o propósito de se alcançar o direito de cidadania.

Desse modo, a prática educacional cujo modelo é ditatorial, rígido e vertical não se constitui coerente com a posição de dúvida, crítica, sugestão e presença viva e atuante de processos que englobam educadores e educandos. A postura ativa de educando e educanda, desde meados do século XX até os dias atuais, conta com espaços educacionais que permitem indagar, questionar e ser protagonista. De modo coparticipativo o ambiente escolar conta com estudantes, educadores/as, zeladores, cozinheiras, vigias, diretores/as, supervisores/as formam, junto com os pais/mães e sociedade, uma comunidade que visa a construção participativa da educação, uma formação solidária para a cidadania com direito a voz.

A solidariedade é, para Freire (1997) um ato essencial no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que se parte da realidade de mundo do educando para que haja compreensão do objeto e de como denominá-lo, por exemplo. Freire (1997) enfatiza que temos o direito e o dever de lutar com engajamento adentrando as escolas e outras instituições sempre respeitando o outro e suas lutas. Nesse contexto, entenda-se por luta o ato de, além de refletir e de analisar a situação, cabe ao ser humano agir para transformá-la.

Em outras palavras, lutar significa ser capaz de pensar o que é melhor para todos e buscar mudar para melhorar a vida de todas as pessoas, para que haja vida com dignidade adequando o mundo da cultura, da história e da política.

Na perspectiva de Freire (2005) a política educacional apresenta interfaces neoliberais com implicações e tensões entre a sociedade e a política. Esta, com suas limitações econômicas e de governo e aquela com questões sociais que apresentam as necessidades existenciais, ambas dentro de uma democracia imperfeita. Não obstante, Freire (1987) defende a educação como ato político, uma vez que o posicionamento nas discussões e implementações de cunho político recaem diretamente na escola. A escola pública, principalmente, enfrenta em seu interior a tensão do processo de ensino-aprendizagem, no qual ocorre uma luta política intensa que confere ao ser humano a consciência de sua atuação na história, haja vista ser o papel da escola formar sujeitos realmente críticos frente à sociedade atual.

Freire (1987) defende a ideia de que a escola tem sua importância central quando trabalha a consciência reflexiva do sujeito sobre o processo de reconhecimento da postura de enfrentamentos na defesa dos interesses sociais. Nessa esteira, a educação propicia a homens e mulheres instrumentos que possibilitam o autoconhecimento e a compreensão do que é coletivo, mobilizando o necessário para construir um país mais justo para todas as pessoas. O ato de educar como prática da liberdade consiste em reconhecer a educação como ato político, que forma o sujeito para a liberdade, se se pretende um país democrático.

3 A IDEOLOGIA NA EDUCAÇÃO

Ideologia é um termo filosófico cujo significado atribui a origem das ideias humanas às percepções sensoriais do mundo externo. Em outras palavras, no marxismo, a ideologia implica em totalidade das formas de consciência social, o que abrange o sistema de ideias que legitima o poder econômico da classe dominante (ideologia burguesa) e o que expressa os interesses revolucionários da classe dominada (ideologia proletária). Não obstante, o termo ideologia é polissêmico, possui diferentes significados a depender do contexto no qual está inserido, para o senso comum é sinônimo de ideário, contendo o sentido neutro de conjunto de ideias ou pensamentos ou visões de mundo de um indivíduo ou grupo. Na concepção crítica do termo, como na perspectiva marxiana, a ideologia age mascarando a realidade, mostrando apenas o que interessa nas relações de dominação.

A experiência piloto de Freire (1987) contém a perspectiva ideológica que tem a ver com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para encobrir a realidade. Consiste na metodologia de educar conectada ao cotidiano dos estudantes, portanto liga-se à política, especificamente, no tocante ao sistema de alfabetização, que contou com três fatores:

- 1) o problema do analfabetismo brasileiro;
- 2) o auge do populismo em 1960 com ações afirmativas marcadas pelo conteúdo político-ideológico;
- 3) a simplicidade da proposta eficaz de uma alfabetização a partir da realidade do educando, por meio do diálogo e das palavras geradoras.

Esse contexto serviu como campo de atuação para o trabalho de Freire (1987) com um método próprio, iniciado em Recife e experimentado em Angicos, município do Rio Grande do Norte. O projeto foi bem sucedido porque conseguiu mudar a vida de 300 adultos por meio do *Projeto 40 horas em Angicos/RN*. Por conta dos resultados o governo brasileiro aprovou a multiplicação dessa primeira experiência no Plano Nacional de Alfabetização.

Em 1960 nasceram no Brasil movimentos culturais e de educação popular, muitos serviram de laboratório para Freire (1997), cujo pensamento sobre a educação estava baseado no diálogo com os educandos a fim de trabalhar a conscientização de que para aprender não tem idade. Hoje, conhecido como Método Paulo Freire, a experiência em Angicos/RN para alfabetização de adultos, realizada em 1963 alcançou nível nacional, uma vez que foi adotada por grupos universitários e secundaristas mobilizados pela União Nacional dos Estudantes (UNE).

A metodologia freiriana consiste práticas e fundamenta-se em reflexões sobre a prática docente, tendo temas o conceito de homem e de cultura, de pessoas humana e sua realidade (situação, tempo e circunstância), de diálogo, de exigência de participação colaborativa com respeito mútuo. Aborda, portanto, o problema da ideologia na cultura e preza pela humanização do homem, que se realiza enquanto criador de cultura, consciente de sua realidade, por estar comprometido com o processo educativo. Para Freire (2005) a ideologia fecundou o trabalho de alfabetizar uma vez que o problema do analfabetismo no Brasil era uma realidade. Para Vieira Pinto (1960, p. 121): “Educar para o desenvolvimento não é tanto transmitir conteúdos particulares de conhecimento, reduzir o ensino a determinadas matérias, nem restringir o saber exclusivamente a assuntos de natureza técnica”. Isso porque a transmissão de conteúdo reduz o ensino e a aprendizagem, um processo dialético no qual há alternâncias do conhecimento com a vida do sujeito.

Educar, na realidade, vai além da transmissão do conhecimento, consiste no ato de despertar no educando outro “modo de pensar e de sentir a existência, em face das condições nacionais com que se defronta; é dar-lhe a consciência de sua constante relação a um país que precisa de seu trabalho pessoal para modificar o estado de atraso” (Vieira Pinto, 1960, p. 121). Diante disso, o foco para perceber o que está sendo ensinado passa a sua capacidade de contribuir para a transformação da realidade da qual ele faz parte.

Resumindo, a metodologia aplicada no processo de ensino-aprendizagem está baseada no diálogo entre educador e educando sobre o mundo que o cerca, procurando transformar o estudante, a fim de que ele se torne ativo na aprendizagem. Para tanto, a crítica de Freire (2005) sobre a concepção de que o professor era detentor de todo o conhecimento e o estudante apenas um repositório estava fundamentada na sua concepção de que a educação é um meio de transformar o sujeito e suscitar a criatividade. Nas palavras de Freire (1987) não se concebe uma educação bancária, aquela que o aprendiz no contexto de aprendizagem assume uma postura passiva no processo de ensino-aprendizagem.

O papel social da educação, segundo Freire (1987) no livro intitulado *Pedagogia do Oprimido*, é o de libertar o sujeito por meio da consciência crítica, transformadora e prática, portanto é um ato político. Isso ocorre, efetivamente, se e somente se, a postura do educando for ativa, tenha criatividade e vá além do aprendizado de português e matemática, porque a educação não é neutra.

O processo de ensino-aprendizagem funciona como instrumento, por meio do qual o sujeito interage, homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade em que se encontram e reflete sobre os fatos. Quando isso ocorre, efetivamente, perceber-se a participação

e o engajamento dos sujeitos que lidam de forma crítica com a realidade e, portanto, contribuem para a transformação daquela realidade, porque não há acomodação e sim atuação. Nesse caso, o educador não deve atuar como uma figura de superioridade na sala de aula e sua metodologia deve promover o debate sobre a realidade, ao invés de enfatizar a passividade.

Não obstante, entre educador e educando deve prevalecer o respeito e não uma relação autoritária com base na disciplina baseada no medo e na ameaça. O educador deve ser respeitado no seu direito de perguntar com seriedade e contribuir com o debate, assim como o educador no cumprimento de seu dever ao propor limites, ambos atuando com a ética como princípio para a existência do ser humano (FREIRE, 1987). Por fim, o fim da educação quando trabalhada com adultos é torná-los livres, porque a educação é libertadora.

Freire (1987) acreditava que despertaria os educandos para a prática da liberdade por meio da consciência deles em relação a realidade de opressão nos ambientes de trabalho e para as injustiças sociais existentes na sociedade. A escola, por excelência, consiste em ambiente de debate, discussão, respeito à diversidade e renovação de ideias, isso porque em se tratando de educação o olhar vai além da disciplina, do aprender português e matemática e da transmissão de conteúdo. Ela é um espaço para trabalhar o estímulo ao debate que foge de amarras e repetições. Cada um pode pensar por si mesmo e, portanto, ser respeitado se se coloca, não tendo o seu posicionamento menosprezado, praticando com liberdade o seu senso crítico

4 PODER E EDUCAÇÃO

Para se falar em poder e educação, faz-se mister delimitar o termo poder, que em sentido mais amplo, significa ter a faculdade ou a possibilidade da força física ou moral, ter influência para. O poder (do latim *possum*), ser capaz de. O termo poder é polissêmico, podendo ser usado em vários contextos. É o poder a posse, o domínio e a força para agir em determinada realidade. Poder é o direito para deliberar, agir, mandar, dentro de um contexto bem definido, e assim exercer a autoridade, a soberania, ainda, é a habilidade de impor a sua vontade sobre os outros.

Há diferentes tipos de poder: social, econômico, militar e político, apenas para citar alguns. No caso dessa pesquisa a delimitação recai sobre as relações de poder na educação, sobre poder e educação perpassada pela política à luz do pensamento freiriano. Não obstante, não se limitando a este pensador brasileiro, para quem o educando adulto se alfabetizado seria capaz, além de aprender a ler e a debater politicamente suas reivindicações, de organizar-se como classe.

Com efeito, a base deixada por Freire (1987) que fundamentou a alfabetização e conscientização e resultou no Programa Nacional de Alfabetização (1962-1964) teve o objetivo da educação de jovens e adultos, porque foi a experiência-piloto de Angicos/Rio Grande do Norte, no início de 1963. Resultou, ainda, nos círculos de cultura em cidades satélites de Brasília/DF, que deu visibilidade do trabalho, culminando na Educação de Jovens e Adultos-EJA. A metodologia aplicada parte da realidade das pessoas, levantamento de universo vocabular, escolha das palavras geradoras e preparação de material didático adequada a cada lugar.

Com esse direcionamento e com o acompanhamento do Patrono da Educação Brasileira, que montava a equipe coordenadora, a seleção e treinamento dos animadores, Freire (1987) se mostrou consciente do problema do analfabetismo no Brasil de pessoas jovens e adultas, o que se desdobrou na educação popular. Diante dessa realidade, Freire (1987) incorporou os conceitos de diálogo, cultura e consciência crítica sobre a realidade.

Dito de outra maneira, a conscientização entendida como o diálogo de consciências (Freire, 1987), como meio a realidade concreta. Nesse sentido, a educação confere ao homem o poder de transformação do mundo, uma dimensão humanista da cultura. Portanto, o homem no mundo como agente crítico e criativo e não apenas como receptor de informações e conhecimentos. Isso porque a proposta de educação de Freire (1987) objetiva a educação de adultos, da alfabetização e até universidade popular dentro do contexto brasileiro de 1960, quando 50% da população adulta era analfabeta. Um método que confere poder ao educando por se tratar da tomada de consciência, época em que as aspirações dos movimentos de cultura e educação popular está em ascensão. Contudo, o golpe de março de 1964 obrigou o abandono desta proposta quando Paulo Freire foi mandado para o exílio.

Mas, focando um pouco nas relações de poder e educação o pensamento freiriano indica a noção de corpo consciente indicada por Gonzaga (2010), no *Dicionário Paulo Freire*, aponta para o sujeito que problematiza e ousa pensar, tornando-se alguém com o poder de conceber a sua consciência com atividade e não como um ser mecânico.

Gonzaga (2020) explica que a consciência é o ser humano que pode se relacionar com outros e, portanto, pode mover-se no mundo, para transformá-lo. O poder liberta o homem e o faz consciência ativa. Com as palavras do autor, os homens vivem uma relação dialética entre condicionantes e sua liberdade. Assim, aquele que se sente como se fosse já libertado, vivencia o poder de não deixar aquele que ensina oprimi-lo.

Diante disso, o corpo consciente se coloca como consciência nas relações educativas, participa das discussões, ou seja, são parte integrante do método. O educando também

experimenta a partilha do método ao passo que estuda e realiza o processo de aprendizagem, conhecendo o caminho a ser percorrido no processo de ensino-aprendizagem: como, onde e quando chegar ao objetivo daquele aprendizado. Para tanto, o uso do método freiriano pressupõe um caminho a percorrer que envolva a adoção de um plano previamente traçado, apenas com este planejamento se pode avaliar se o objetivo foi atingido, e se houve eficácia na aplicação do método.

Outro autor que dialoga com a relação educação e poder, ao criar os quatro pilares da educação estão no livro *Educação: um tesouro a descobrir* (DELORS, 2003), pensador que desenvolve uma teoria voltada para a educação do século XXI, acreditando que “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele” (Delors, 2003, p. 89). Para tanto, desenvolve-se as seguintes aprendizagens fundamentais, os quatro pilares da educação que não estão dissociados uns dos outros: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; e, aprender a ser. Entre esses pilares há relações intrínsecas e imbricada, cujo fim último é uma formação integral do ser humano.

Ao **aprender a conhecer** o indivíduo indica o seu interesse e sua abertura para o conhecimento teórico que irá libertá-lo da ignorância. Quando se torna prazeroso o ato de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento se alcança este nível de aprendizagem.

Ao **aprender a fazer** o ser humano mostra a sua capacidade e seu poder em realizar atos de coragem, correr riscos e errar na busca de acertar. Ao se inserir no ato de construir algo se faz a opção de interagir com o outro e desenvolver o espírito cooperativo.

Aprender a conviver é um desafio para o ser humano que busca a convivência com o outro na base do respeito e da fraternidade rumo ao caminho do entendimento. O aprendizado de valorizar quem vive ao nosso lado e compreender os múltiplos interesses que estão em jogo na convivência torna o ser humano com o poder de administrar conflitos e participar de projetos comuns.

O último, igualmente importante, é **aprender a ser**, porque neste momento o papel do cidadão tem por objetivo a vida, assim o seu poder sobre o que se deve ou não se deve fazer, sabendo que naquele contexto se tem o objetivo de viver. O sentido de uma vida ética e estética, com responsabilidade e pensamento autônomo e crítico, esta é uma aprendizagem integral.

Nesse caso, ocorre um projeto pessoal de estudos e investigação eleito pelo educando. Consciente disso, ele tem o poder de avançar, uma vez que só o exilado tem o poder de falar como sujeito concreto, porque experimentou e trouxe no seu corpo consciente marcas do

contexto que viveu, porque o pertencimento social e cognoscente vincula a vida à capacidade falar sobre ela, de revisitar, atuar e pensar. Sujeitos são corpos conscientes que, construindo socialmente a realidade podem fazer acontecer, isto é, eles têm o poder de transformar o mundo que querem ser.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando aos finalmentes, sem a pretensão de responder à questão inicial de modo definitivo: como delimitar pressupostos da educação brasileira no tocante à política, ideologia e poder na sociedade contemporânea? Essa pesquisa é introdutória. Como resultados observa-se a educação de forma crítica e bastante otimista. Evidenciar a dinâmica da prática com a reflexão possibilitou aprofundar a compreensão do processo de ensino-aprendizagem.

O processo educacional não é neutro, portanto, a política se faz presente, assim como a ideologia e o poder. Para compreender o quão estas três dimensões estão imbricadas na dialética do ensino-aprendizagem, uma vez que não se concebe um separado do outro, observa-se de modo didático e bastante dicionarizado cada um desses conceitos.

O termo política, no sentido amplo, significa a arte ou ciência de gerir, nesse caso no contexto educacional. Educar é um ato político por ser parte integrante da formação do educando e do educador, dois lados do mesmo processo, intercambiável e dialético. Para tanto, Freire (1998) defende que é necessário conscientizar para transformar a sociedade no espaço justo e na vida digna de todas as pessoas.

Nessa esteira, faz-se *mister* entender o aspecto ideológico da educação, que tem por base o pensamento marxista no sentido de abranger o sistema de ideias que legitima a ação do ser humano na sociedade ao passo que compreende o seu papel social. No termo ideologia estão os significados que se encaixam nos contextos bem definidos quando usados pelo sujeito esclarecido. Na perspectiva mais ampla, por trás da ideologia estão as relações de dominação, inevitáveis na sociedade e na vivência em grupo.

Quando o sujeito percebe que a ideologia está presente no seu agir, mesmo que ele não compreenda isso claramente, ocorre a possibilidade de agir. Reconhece o seu poder diante das situações factuais do mundo e, portanto, se percebe poderoso e capaz de transformar a realidade em um mundo melhor e com a vida mais digna para todas as pessoas que forma aquela realidade.

As questões atuais da educação estão centradas nas diversas formas de se trabalhar o conhecimento e no esquecimento de se colocar no centro o educando, o educador e o processo

de ensino-aprendizagem. A difusão do conhecimento ou da informação ocorre por meio da educação a distância, das redes sociais, de blogs e websites. Não obstante, o aprofundamento do conhecimento para uma construção teórica e para vida mais consistente, no mundo de uma cultura estritamente digital, está ameaçado.

Como defende Delors (1989) os quatro pilares da educação, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser formam a base par a transformação da educação do século XXI, uma vez que não se pode nem se deve destacar as tecnologias e os meios digitais. O ensino-aprendizagem para o pensar, saber se comunicar e pesquisar encaminhará o sujeito para a sua autonomia e independência nos estudos, desde que o diálogo com outras pessoas seja efetivado.

Delors (2003) se aproxima de Freire quando demarca o aprender ser o mais completo de todo o processo porque a pedagogia da pergunta proporciona uma relação dialógica do ato de estudar, ensinar e aprender. Freire (1987) defende que o ser humano quando conhece a aprende para a Ser Mais, inacabados, mas com uma diferença radical, porque quando nos tornamos capazes nos inserimos no movimento de busca e de procura, de curiosidade. É uma vocação buscar e procuramos ser mais, porque o ser humano caminha em busca de ser e passar pelo mundo sendo algo mais que um ser inacabado e imperfeito.

No século XXI parece que se perdeu o jeito de trabalhar o pensamento crítico e até a capacidade de memória (porque houve uma transferência para a memória digital). As metodologias e linguagens incluem o meio digital, porque assim talvez se chame a atenção do estudante contemporâneo, não se limitando a isso. O pensamento freiriano ressoa nas práticas de ensino por seu caráter filosófico e profícuo, porque ensinar e aprender são dois lados do mesmo processo, indissociáveis. Não intercambiáveis, perpassados pelo ato de perguntar e tomar consciência do que foi debatido, é um ato político porque transforma realidades e uma postura ideológica porque alimenta naquele que aprende e que ensina a vontade de transformar o mundo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Problema da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

DELORS, Jaques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.



FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1997.

FREIRE, P. **Educação e Política**. São Paulo: Cortez, 2001.

GONZAGA, Luiz. Corpo consciente. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, H. M. C. D. **Raízes filosóficas da filosofia bakhtiniana da linguagem**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.